

FAO discute impactos e medidas para recuperação do setor de base florestal pós-pandemia

Organização afirma que a recuperação das florestas é imprescindível para o reequilíbrio da biodiversidade, combate às mudanças climáticas e prevenção às novas epidemias por doenças zoonóticas, como a Covid-19

POR THAIS SANTI
Especial para *O Papel*

A Covid-19 trouxe impactos para a sociedade alcançando inúmeras comunidades, inclusive aquelas mais afastadas, afetando as florestas e a silvicultura das mais variadas formas. Com o objetivo de identificar e discutir possíveis respostas para mitigar tais impactos, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) promoveu uma semana dedicada a *webinars* sobre o tema, entre os dias 22 e 25 de junho passado.

A urgência sobre o assunto se dá em um momento em que o meio ambiente vive consequências de outras crises tão complexas, como as mudanças climáticas, e a biodiversidade ameaçada pelo desmatamento

de áreas em grandes proporções, ano após ano. Transformando em números, 10 milhões de hectares de florestas por ano são perdidas, dando lugar, em 40% dos casos, para serem exploradas com fins agrícolas, e entre outros que não contribuem para a preservação dos biomas.

É nesse contexto que surge o alerta da FAO. “Quase $\frac{3}{4}$ das doenças infecciosas emergentes e pandemias recentes são zoonóticas. Mudanças de paisagens e perda de biodiversidade são os principais impulsionadores do surgimento dessas doenças”, disse Mette Loyche Wilkie, diretora da Divisão de Política e Recursos do Departamento Florestal da FAO.

Embora a ponta da cadeia produ-
va não tenha sofrido tantos impactos

econômicos, no caso brasileiro, como será mencionado adiante, vários fatores estão chamando a atenção para um cenário que poderá pressionar ainda mais essa situação. “O comércio foi interrompido em quase todas as cadeias de valor. As pessoas estão perdendo seus empregos e renda e algumas estão retornando às áreas rurais. O risco de mais desmatamento e degradação dos recursos naturais que as pessoas usam para subsistir também aumentou”, disse Maria Helena Semedo, diretora-geral adjunta e coordenadora de Recursos Naturais da FAO, durante o evento.

Maria Helena destacou, contudo, que a floresta não é o problema, mas parte da solução. “Se protegermos, restaurarmos e usarmos os recursos florestais de maneira equilibrada,





O mundo ainda possui pelo menos 1,11 bilhão de hectares de floresta primária. Combinados, três países – Brasil, Canadá e Federação Russa – hospedam mais da metade (61%) da floresta primária do mundo. A área de floresta primária diminuiu 81 milhões de ha desde 1990. (Avaliação Global de Recursos Florestais 2020 (FRA 2020))

conseguiremos prover novos trabalhos e ajudaremos, ao mesmo tempo, no encontro de soluções de todos os demais problemas já citados. Sejamos inovativos, com olhar para o futuro para que no menor tempo possamos contribuir para uma agenda mais sustentável. Todos juntos, unindo forças”, enfatizou a diretora-geral adjunta e coordenadora de Recursos Naturais da FAO em sua palestra.

Para ela, o cenário atual marcado pela pandemia reflete um momento estratégico e ao mesmo tempo delicado. “Pessoas inescrupulosas estão aproveitando a situação para desmatar por falta de fiscalização, aproveitando-se daqueles que sofrem com a falta de empregos, ou seja, os mais vulneráveis da sociedade, para cometerem

esses crimes. Portanto, não podemos não esquecer do clima e da biodiversidade ao buscar uma rápida solução e sermos irresponsáveis. Devemos tomar essa oportunidade para reconstruir algo melhor no setor florestal”, disse Maria Helena.

Compartilhando dessa mesma ideia, Elizabeth Mrema, secretária executiva da Convenção sobre Diversidade Biológica (CBD), enfatizou a relação do ser humano com a floresta. “A Covid-19 nos lembra que o ser humano é uma extensão da natureza e para sempre o será. Por bem ou por mal. As doenças podem ser transmitidas, e essa pandemia é uma chamada para acelerarmos a busca por soluções para tantas interferências causadas ao meio ambiente.”

NOVIDADE IMPORTANTE

Esta é uma matéria produzida com **CONTEÚDO TRANSMÍDIA** (formatos variados de mídias, em mais de uma plataforma de comunicação). **Acesse o site da revistaopapeldigital.org.br** na página de leitura dessa matéria e clique nos ícones indicados para usufruir de informações complementares que foram incorporadas à reportagem.

Legenda padrão:



Áudio/ Entrevista



Documento



Galeria de Fotos



Infográfico/
Apresentação
em .PPT ou .PDF



Vídeo



Site

Elizabeth pontuou ainda que um dos primeiros passos é buscar nos programas em todo o mundo oportunidades para explorar os recursos de maneira segura para as pessoas, impulsionando a economia em uma abordagem “OneHealth” (tradução livre para “Saúde Única”), o que nos ajudará a compreender a dinâmica dessas pandemias e como podemos evitar que elas ocorram.

O conceito, que vem sendo largamente difundido pelos epidemiologistas, *One Health*, é a integração entre a saúde humana, a saúde animal, o ambiente e a adoção de políticas públicas efetivas para prevenção e controle de enfermidades trabalhando nos níveis local, regional, nacional e global.

“O ecossistema florestal é fundamental, principalmente para as florestas primárias, pois ali vivem espécies únicas. É também na flora e fauna que achamos a cura para várias doenças. Se destruímos essa fonte, banimos a possibilidade de descobrirmos a solução para vários problemas atuais”, refletiu Elizabeth. Com dados do relatório *Living Planet Report (2014)* do World Wide Fund for Nature (WWF), observou-se que desde a década de 1970 a degradação e o desmatamento contribuíram para o declínio de 52% de animais vertebrados em nosso planeta e a redução das espécies florestais.



A sessão temática sobre esse assunto ocorreu no dia 22 de junho. Assista ao vídeo desta palestra

Atualmente, 86 milhões de pessoas trabalham nesse setor, contudo, mais de 1 bilhão de pessoas dependem dos alimentos que advêm das florestas (*wildfoods*), em uma situação de maior vulnerabilidade, como o caso de milhares de indígenas, expondo-se muitas vezes a patógenos desconhecidos, conforme dados do relatório da FAO, *The State of the World's Forests 2020*.

“Existem três níveis de consumidores desse tipo de alimento. Aqueles em condição de subsistência; em segundo lugar os que moram em regiões intermediárias e utilizam como fonte de alimento e renda; e o terceiro tipo observado está nas grandes cidades, que buscam alimentos mais ‘exóticos’, consumindo-os como um item de luxo”, explicou Sandra Hatiarison, Oficial Florestal da FAO para a África Central. Por isso, Sandra disse que é necessário criar medidas de controle mais rígidas para esse tipo de comércio e consumo. “Para as pessoas que sobrevivem desses alimentos, precisamos criar condições de desenvolvimento sustentáveis para que elas não precisem recorrer somente a essas fontes de alimento e renda”, indicou.



Confira a apresentação

De acordo com vários dirigentes da FAO, os países das florestas tropicais fizeram progressos significativos para melhorar a governança florestal, aumentar a transparência, fortalecer o monitoramento florestal e estabelecer plataformas de múltiplas partes interessadas em seus esforços para combater a extração ilegal de madeira e o desmatamento, afirmando que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nessas regiões, agora, devem ser revistos, buscando possíveis respostas na restauração de florestas e paisagens para criar resiliência e negócios sustentáveis.



As sessões temáticas sobre esse assunto ocorreram no dia 23 de junho. Assista ao vídeo completo destas palestras

Traçando um paralelo com o contexto atual brasileiro, no dia 6 de julho último, um documento que conta com a assinatura dos CEOs de cerca de 40 companhias e grupos empresariais dos setores industrial, agrícola e de serviços, além de quatro organizações: Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS); Associação Brasileira do Agronegócio (Abag); Indústria Bra-

sileira da Árvore (IBÁ); e Associação Brasileira das Indústrias de Óleo Vegetal (ABIOVE), foi enviado à Vice-Presidência da República e ao Conselho Nacional da Amazônia Legal, cobrando atenção do governo brasileiro para estabelecer uma agenda de desenvolvimento sustentável e, em especial, pela definição de ações de combate ao desmatamento na Amazônia.



Leia a carta na íntegra

Conforme informações da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), são apontados pelo documento como focos prioritários de ação:

(i) inclusão social e econômica de comunidades locais para garantir a preservação das florestas; (ii) minimização do impacto ambiental no uso dos recursos naturais, buscando eficiência e produtividade nas atividades econômicas daí derivadas; (iii) valorização e preservação da biodiversidade como parte integral das estratégias empresariais; (iv) adoção de mecanismos de negociação de créditos de carbono; (v) direcionamento de financiamentos e investimentos para uma economia circular e de baixo carbono; e (vi) pacotes de incentivos para a recuperação econômica dos efeitos da pandemia da Covid-19, condicionada a uma economia circular e descarbonizada.

O setor florestal e o futuro de restrições econômicas e sociais pós-pandemia

Em um primeiro momento as palestras da Semana Florestal da FAO trataram de relacionar a Covid-19 e as vulnerabilidades das florestas, que podem ser observadas como um alerta para a tomada de ações preventivas a crises futuras. Já em um segundo momento os painéis abordaram como é possível fortalecer a sua conexão com a biodiversidade e a saúde. Ao final, as sessões buscaram reflexões com representantes de empresas privadas e associações do setor, e suas perspectivas para curto, médio e longo prazo e em entender como a FAO poderia atuar para um setor mais fortalecido e resiliente, mesmo diante de restrições econômicas e sociais: um cenário esperado para o pós-pandemia.



A FAO realizou uma pesquisa sobre as expectativas da indústria de base florestal na retomada dos negócios. Confira o resultado dessa pesquisa

A Covid-19, de rápida evolução, deixou o setor florestal com desafios imediatos. Um deles, ao ser reconhecido como um setor essencial, levou empresas a terem que lidar com novas condições de saúde e segurança, mudando a dinâmica do mercado e, em algumas jurisdições, reduzindo a disponibilidade de trabalhadores.



A sessão temática sobre esse assunto ocorreu no dia 24 de junho. Assista ao vídeo dessa palestra

Françoise Van de Ven, Secretária Geral da *Union des Forestiers Industriels du Gabon* (UFIGA), no Gabão, contou que nos três países da Bacia do Congo (Camarões, República Democrática do Congo, e República do Congo), o comércio e as exportações diminuíram por conta do fechamento das fronteiras. “A indústria florestal também foi afetada por conta da demanda dos principais destinos do seu mercado de exportação (China e Europa). Os contratos foram cancelados e não houve novos contratos”, enfatizou.

Ivan Tomaselli, presidente da STCP Engenharia de Projetos Ltda. e vice-presidente de Tecnologia e Desenvolvimento da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci) comentou sobre a situação na América Latina: “Fomos seriamente afetados pela Covid-19. Um total de 20% dos casos globais estão na região. Medidas como distanciamento social no Brasil foram adotadas, mas os setores essenciais, nesse caso o setor florestal, continuou a trabalhar”.

Tomaselli citou ainda que em alguns países as ações foram mais restritivas, como na Argentina, Peru e Equador. Contudo, na visão do executivo, o maior impacto veio do mercado externo. “O mercado de madeira compensada é voltado para exportação, bem como a celulose. Alguns países são altamente dependentes”, frisou. E

completou: “No Uruguai, esse número chega a 90%, tendo como principais destinos, justamente Estados Unidos e China, que também estão entre os mais afetados pela pandemia. Algumas barreiras foram encontradas nesse sentido”. Com relação aos negócios, o vice-presidente da Abimci disse que o consumo local foi reduzido, e a demanda em geral se manteve, mas os preços começaram a cair e agora estão 20% ou até 30% baixos.

Como medidas sanitárias, Tomaselli destacou que o governo investiu em infraestrutura para saúde em regiões mais afetadas e em um programa de auxílio emergencial para pessoas desempregadas, mas ainda com problemas na sua distribuição. No âmbito empresarial, as grandes empresas tiveram mais acesso a crédito e possibilidade de postergação de taxas. “Contudo, os pequenos produtores não tiveram a mesma oportunidade e estão encontrando maior dificuldade para manterem seus negócios e esses poderão ser os mais afetados pela crise”, contrapôs.

Ainda em sua apresentação, Tomaselli apontou que nas perspectivas de curto prazo, a recuperação dependerá da capacidade de cada região de se adaptar a uma nova realidade. “Nas minhas discussões com grupos brasileiros e internacionais vimos que é possível, no curto prazo, a partir da troca de informações, definir estratégias em conjunto para suportar a implantação de ações. Ou seja, precisamos compilar mais os dados, para entender mais sobre o problema, e a FAO poderá ajudar nisso. Já no médio e longo prazo, vejo uma cooperação internacional para desenvolver processos competitivos e promover o consumo sustentável, facilitando também o comércio entre as partes envolvidas.”

Steven Johnson, diretor de Comércio e Indústria da ITTO, que moderou a sessão que incluiu a palestra de Tomaselli, afirmou: “Devido a quedas acentuadas nos mercados globais,

“Durante a crise, os produtos florestais foram essenciais para o fornecimento ininterrupto de produtos de higiene e sanitários, biomassa, álcool como desinfetante para as mãos, papéis hospitalares, embalagens etc. Agora, existem oportunidades crescentes para a indústria florestal no fornecimento de uma matéria-prima renovável para a substituição de produtos de origem fóssil”

plantas reduziram a produção e algumas fecharam. Por exemplo, a China teve uma queda de 80% nas importações de madeira tropical no primeiro trimestre de 2020”. Johnson acrescentou ainda que “a Covid-19 teve um dos maiores impactos no setor de florestas tropicais dos últimos 30 anos de trabalho da companhia. Por isso, o suporte à indústria é muito importante. Sem um setor saudável não conseguimos desenvolver a cadeia produtiva”.

Sobre o efeito da pandemia em sua região, Annie Ting, CEO da *Sarawak Timber Association*, na Malásia, fez suas considerações. Representando 360 empresas da região, Annie chamou a atenção para os custos da certificação que foram inflacionados após o Covid-19, o que prejudica sua atuação no mercado e dificulta a implementação do manejo florestal sustentável. Hoje 55% das florestas são certificadas no país. A CEO acrescentou ainda que a indústria florestal do Sarawak sofreu interrupções na cadeia de suprimentos, queda na demanda do mercado e queda na produção, resultando no fechamento de empresas. “Os piores impactos estão chegando e serão mais

claros nos terceiro e quarto trimestres de 2020”, pontuou.

Ainda assim, Annie vislumbra que no longo prazo algumas medidas poderão ajudar a recuperar esse prejuízo. Entre as ações recomendadas estão o reconhecimento da madeira tropical como ambientalmente amigável e renovável; o comprometimento dos governos em utilizar a madeira tropical em seus projetos; e preços mais justos. “A FAO poderia atuar no diálogo entre os setores público e privado e fornecer programas educacionais para estratégias globais em soluções baseadas na natureza, bioeconomia circular, entre outros”, disse.

Para Carina Håkansson, presidente do Comitê Consultivo da FAO sobre Indústrias Sustentáveis de Base Florestal (*Advisory Committee on Sustainable Forest-based Industries – ACSFI-FAO*) e diretora Geral da Federação das Indústrias Florestais da Suécia, é perceptível que a indústria florestal foi afetada de formas diferentes, mas demonstra ao mesmo tempo a versatilidade dos seus diferentes produtos, vantagens para o futuro e muito trabalho a ser feito. “Durante a crise, os produtos florestais foram essenciais para o fornecimento ininterrupto de produtos de higiene e sanitários, biomassa, álcool como desinfetante para as mãos, papéis hospitalares, embalagens etc. Agora, existem oportunidades crescentes para a indústria florestal no fornecimento de uma matéria-prima renovável para a substituição de produtos de origem fóssil”, resumiu Carina.

A executiva sueca pediu aos líderes globais, incluindo a ONU, setor privado e governos, que implementem planos de recuperação que sejam ecológicos, sustentáveis e climáticos. E enfatizou ainda a missão de criar ações conjuntas de pesquisa e meios para informar os sistemas de oferta e demanda responsáveis, bem como realizar comunicações estratégicas de promoção do setor florestal. ■